

Mulheres unidas na produção de alimentos saudáveis



Maria Alexandrina da Silva(52), Francisca Maria Gomes(50), Cícera Maria da Silva(40), Maria Aparecida dos Santos(32), Luesla Antônia da Silva Gomes(25) e Edilana Monteiro dos Santos(23). A vida dessas mulheres mostra que as trabalhadoras rurais do semiárido escrevem as suas histórias com as próprias mãos.

As mãos calejadas não tiram delas a vontade de se tornarem grandes, de participar de projetos sociais ou de se sentirem belas. Também não adormece o sonho de conquistarem um pedaço de terra a fim de produzirem alimentos orgânicos. Mas o desejo apenas não bastava. Foi aí que surgiu a ideia de criar uma associação que possibilitasse condições de empreitadas maiores.

Em 26 de junho de 2007 foi dado o ponta pé inicial. Maria Alexandrina, conhecida por Dona Xanda, reuniu o grupo e formaram a Associação das Mulheres Agricultoras do Assentamento Barra Nova. “ A gente estava cansada de trabalhar nas terras dos outros. Era um sonho ter o nosso pedaço de chão e o único meio para comprar era através de uma associação. Registramos tudo, compramos e demos o grito de liberdade”, explicou Dona Xanda.

No mesmo ano, elas junto com esposos e filhos se mudaram para o Assentamento Barra Nova, localizado a 24km de Serra Talhada. “Se na terra dos outros a gente já plantava com carinho, imagine na nossa terra.



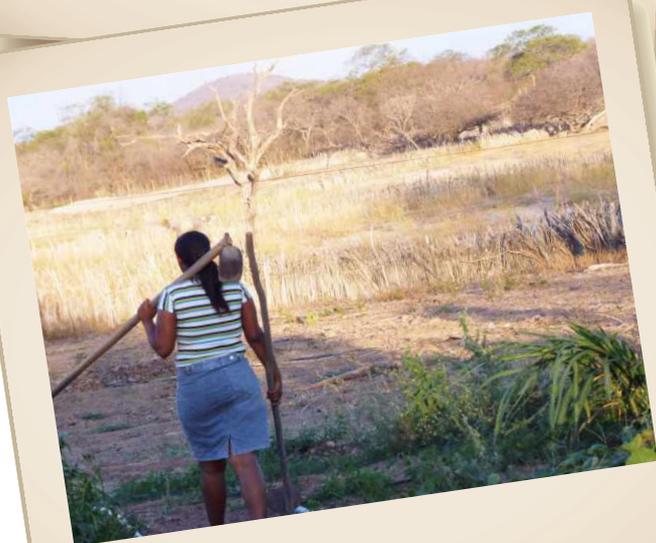


Preparamos a terra e, em 2009, já produzíamos quase 10 espécie de hortaliças. Hoje são mais de 20, sem falar na produção de frutíferas. Isso só nos fortalece!”, assegurou Francisca Maria.

Fraqueza não existe no dicionário dessas mulheres. No assentamento, cada uma foi construindo sua casa, tendo mais filhos e apostando cada vez mais na agricultura familiar. Com um cardápio convidativo e sem nenhum agrotóxico, elas perceberam que, além de abastecer a casa com os alimentos, podiam vender os que sobravam. “Tudo que a gente plantava era só para o consumo de casa, mas a produção foi aumentando e os alimentos estavam sobrando. Então resolvemos vender para ajudar nas despesas de casa”, lembrou Cícera Maria.



No início, as vendas das hortaliças eram sofridas. Elas colhiam os alimentos e se deslocavam para Serra Talhada. Batendo em porta em porta, aos poucos, as cebolinhas, os coentros, pimentões, as alfaces e couves iam desocupando o cesto que pesava na cabeça. “Só voltava para casa quando vendesse tudo. Mas as famílias gostavam quando a gente batia nas portas. Era tudo limpo e cheiroso. No final, todo mundo ficava satisfeito. A gente porque voltava para casa com os trocados e as famílias porque sabiam que os nossos produtos eram saudáveis”, relatou Maria Aparecida.



A rotina da mulher do campo, como acordar antes de o sol raiar, cuidar da criação de galinhas, bode e porcos, preparar o almoço, arrumar a casa e ainda cuidar dos filhos, é uma tarefa árdua. “A gente faz de tudo um pouco. Mas nossa paixão é o quintal produtivo. Dá um pouco de trabalho, mas como está todo mundo reunido, o tempo passa que a gente nem percebe”, disse Luesla Antônia.

Por entender que a mulher do campo tem grande potencial para implantar ações que complementam a renda e ajudam na tomada de decisões sobre os negócios da família no âmbito agroecológico, o Centro de Educação Comunitária Rural (Cecor), como organização que faz parte da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e executa os dois

programas da rede, construiu 6 cisternas de 16mil litros na residência de cada família. Além disso, o CECOR apoia as famílias no processo de formação e acompanhamento técnico.

A força de vontade em fazer com que as vendas aumentassem serviu de ânimo para que elas colorissem ainda mais o quintal produtivo com a colheita da cebolinha, coentro, alface, couve-flor, pimentão, cenoura, beterraba, feijão, mandioca, quiabo, milho, maxixe, pimenta, abobrinha, pepino, batata doce, melancia, mamão, goiaba, acerola, sorgo e palma. Com tanta produção, elas foram convidadas a negociar os produtos na Feira Agroecológica de Serra Talhada (FAST), que acontece todos os sábados. Isso sem falar que existe um trabalho de entrega nas casas. As famílias encomendam e elas atendem aos pedidos.

Nos intervalos entre uma tarefa e outra ou nas noites, elas aproveitam para agradecer a Deus por mais um dia produtivo e pela força que nunca seca das mãos sensíveis das seis mulheres do Assentamento Barra Nova. “Não há conquista sem fé, mas não há fé que se sustente sem a verdade. Plantamos verdade para nossos clientes, filhos e com isso, colhemos bons frutos da Terra e de Deus”, contou Edilana Monteiro, a mãe mais nova entre essas Marias Mulheres que acreditam na convivência no semiárido.



Você sabia?

A FORÇA DA MULHER

Em um meio onde as lideranças são predominantemente masculinas, elas ganham espaço. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as mulheres representam 50% da população rural e 50% delas estão em idade produtiva. A maioria delas começa a trabalhar cedo, antes dos 15 anos, acompanhando os pais na roça. Além das horas de trabalho, boa parte não conta com ajuda do companheiro na hora de lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos, o que faz com que, no total, a mulher trabalhe 6 horas a mais que o homem.



ASSENTAMENTO BARRA NOVA

A constituição do assentamento foi através do Instituto de Terra e Reforma Agrária do Estado de Pernambuco- ITERPE, por meio do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), Instituição que coordena o processo de aquisição de terras e implantação de novas unidades produtivas da agricultura familiar no estado. Foi a partir de 2007 que se efetiva a organização do assentamento e com ela o desejo de produzir e viver da terra.

FIQUE POR DENTRO

Segundo um estudo da FAO, órgão das Organizações das Nações Unidas (ONU), para cada 100 homens que trabalham diretamente com o campo, 13 são mulheres. Mediante isso, um levantamento foi feito e constatou que as mulheres que realizam atividades agropecuárias na América Latina e Caribe têm crescido nos últimos anos. Nos países onde existe menor percentual de atividades agropecuária, onde a mulher é responsável pelo gerenciamento, são Belize (8%), República Dominicana (10%), El Salvador e Argentina (ambos com 12%), seguidos do Brasil.



Realização



Apoio



Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

